

DE ELEITOS DE DEUS A CANIBAIS:
A construção da imagem Indígena através do olhar Europeu.

Danilo Alves Maia¹
Autor
Juciene Ricarte²
Orientador

O século XVI marca a presença dos europeus nas Américas, assim como nas terras em que mais tarde viriam a ser conhecidas como o Brasil. Começava então uma relação transcultural entre povos e culturas distintas. Nesse processo, Franceses, holandeses e, sobretudo, portugueses, deram início à ação colonizadora nas terras do “Brasil”. Para que se efetivasse o domínio sobre os nativos, foram necessários à elaboração de discursos que auxiliassem na colonização. Tais discursos buscavam relegar o índio uma posição de inferioridade e incivilidade, o qual precisava ser guiado e doutrinado. Partindo desse princípio, o trabalho destina-se a mostrar, discutir e analisar de que forma os relatos dos viajantes, sermões dos religiosos e outros discursos serviram como alicerce de legitimação para a dominação e colonização dos nativos da América portuguesa.

Palavras-Chave: Europeu, colonização, Índio.

¹ Graduando de História da UFCG

² <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=B738602...>

No séc. XVI as nações européias viviam sob a influencia do pensamento mercantilista, que defendia a busca de metais preciosos para o enriquecimento e fortalecimento das nações. Com esta prerrogativa Portugal e Espanha se lançaram nas navegações em busca de chegarem às índias, além dos interesses econômicos procurava-se fortalecer o catolicismo fragilizado pela reforma protestante. As duas nações realizaram a “descoberta” de um novo continente. Portugal deu início a colonização da região que seria mais tarde conhecida como Brasil, o contato entre os nativos e portugueses se deram inicialmente de forma amistosa.

Caminha (apud OLIVEIRA e FERREIRA, 2006:26).

“Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendessem e eles a nós, seriam logo cristãos (...) se os degredados, que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de vossa alteza, se hão de fazer cristãos e crer em nossa santa fé, à qual preza a nosso senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-a ligeiramente neles qualquer cunho, que lhes quiserem dar. E pois nosso senhor, que lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, por aqui nos trouxe, creio que não foi sem causa.”

A colônia portuguesa não ofereceu lucros à metrópole de forma que pouco se demonstrou interesse nas terras nas primeiras décadas do Séc. XVI. No entanto com a ameaça de perder as terras para outras nações, os portugueses começam a ação colonizadora nas terras do Brasil.

Os navegadores que chegaram ao novo continente relataram em suas cartas e diários as impressões que tiveram da nova colônia.

“A terra brasileira fornecia uma riqueza de produtos úteis ao homem aos quais se somaram plantas européias, asiáticas e africanas que, na maioria das vezes, adaptaram-se muito bem. A grande fartura de alimentos propiciado pela coleta, caça, pesca e agricultura para os laboriosos e os organizados é ressaltada por Brandão, que defende a idéia de que o Brasil é um paraíso terrestre a ser criado pelo homem.” (MESGRAVIS, 2000:25)

O encontro de povos que possuíam culturas distintas causou um estranhamento em ambos, por conta da inexistência de fontes escritas por parte dos nativos.

Conhecemos apenas o relato dos europeus. De acordo com Cunha (apud OLIVEIRA e FERREIRA, 2006:25).

“O contato com vários povos indígenas criou para os europeus a necessidade de compreender e enquadrar essas populações no seu universo mítico e conceitual. Durante o séc. XVI, os relatos sobre o novo mundo identificaram os indígenas como “gentios” (pagãos), “brasis”, “negros da terra” (índios escravizados) e “índios” (índios aldeados).”

A presença de um clima tropical e a abundância de vegetação frutífera fizeram com que alguns pensadores acreditassem que ali era um local em que se vivia, segundo a bíblia, no paraíso de Adão e Eva, sem pecado, pudor ou ganância. As narrativas de Pero de Magalhães Gandavo e Gabriel Soares de Souza com frequência enfatizaram a abundância da fauna e da flora da América portuguesa. Jean de Léry, huguenote francês, conviveu, observou e anotou os costumes dos índios Tupinambás com grande imparcialidade. Para o huguenote os tupinambás possuíam boa saúde devido ao bom clima e pouca preocupação com as coisas desse mundo. Até mesmo em assuntos como a vingança, a religiosidade e a antropofagia Léry relativiza considerando que isto ocorre por conta dos mesmos não serem cristãos.

Na antiguidade clássica eram denominados de bárbaros os povos vizinhos da Grécia, o termo era utilizado para ressaltar a superioridade grega, superioridade esta que era evidenciada na ausência da *polis* e do conhecimento da língua grega. Para Aristóteles, filósofo grego, os bárbaros eram indivíduos inferiores, que nasciam desprovidos de intelecto, porém eram providos de força física e que desta forma seriam escravos por natureza. O pensamento aristotélico influenciou os povos europeus de forma que representar o índio como selvagem e bestial era uma das formas encontradas por portugueses para legitimar sua presença e dominação nas terras brasileiras. O desconhecimento de Deus e da escrituras sagradas alimentava nos portugueses a idéia de que os índios eram inferiores e necessitavam do auxílio do homem branco.

“Uma coisa admirável que ocorre com estas pobres criaturas é que elas, embora não sejam sensatas devido a estarem privadas do uso da verdadeira razão e do conhecimento de Deus, estão sujeitas a diversas ilusões fantásticas e às perseguições do espírito maligno.”
(THEVET, 1978:115).

Alguns aspectos da cultura nativa contribuíram para a propagação dos estereótipos de bárbaro, bestial, selvagem. Os costumes dos gentios pareciam grotescos aos olhos dos europeus. Não havia entre eles sinais de uma organização política, não existia presença de príncipes ou reis que o comandasse hierarquicamente, nem de um sistema econômico parecido com o dos europeus. No que diz respeito a religião, acreditavam apenas em espíritos e em entidades maléficas. Esses costumes eram ressaltados pelas narrativas, crônicas e ilustrações da época. O religioso Simão de Vasconcelos enfatiza a necessidade da conversão dos índios:

“A humanidade há muito tinha abandonado os filhos da América, pois estes seres comportavam-se como alimárias, sem política, sem prudência e possuíam inúmeras perversões, dados à preguiça, à mentira, à gula e à bebedeira. Neles, a luz da razão há muito já havia se extinguido. Caso ainda houvesse algum vestígio dessa chama ela seria quase da mesma intensidade daquela encontrada entre as feras.” Vasconcelos (apud RAMINELLI, 1996: 27)

O padre acreditava que pelo fato dos índios viverem separados de outros povos teriam perdido sua racionalidade aproximando-se a qualidade de feras animais, porém se retirados das florestas e com o auxílio do homem branco seria possível torná-los civilizados. Existe uma ambigüidade na forma que o índio foi representado, alternando entre vítimas inocentes que não conhecem a “verdadeira fé” e agentes do mal a serviço do diabo.

Uma das práticas culturais muito comuns das tribos indígenas era a “cauinagem”, o hábito de beber o cauim, uma bebida que era preparada pelas mulheres e podia ser feita das raízes da mandioca ou milho.

“Depois de as cortarem em rodela finas, como fazemos com os rabanetes, as mulheres as fervem em grandes vasilhas de barro cheias de água, até que amoleçam; tiram-nas então do fogo e as deixam esfriar. Feito isso acocoram-se em torno das vasilhas e mastigam as rodela jogando-as depois em outras vasilhas, em vez de engulir, para uma nova fervura, mexendo-as com um pau até que tudo esteja bem cozido.”(LÉRY, 1980:129).

Para os europeus, sobretudo os franceses que estiveram nas terras da América portuguesa, a “cauinagem” consistia em um desregramento moral, uma vez que os índios passavam o dia bebendo. A companhia de Jesus também combatia a prática da

“cauinagem”. No entanto os colonos não censuravam o hábito de beber e nem a poligamia.

Algumas tribos indígenas eram antropófagas. Segundo Raminelle é importante deixar claro a diferença entre canibalismo e antropofagia, o ato cometido pelos gentios envolvia um ritual complexo, participavam dele mulheres, crianças e velhos. A vítima aprisionada era bem tratada e bem alimentada, trazia para os homens índias na tribo e se estas viessem a engravidar do inimigo a ser sacrificado, após nascer a criança teria o mesmo destino do pai. Somente eram comidos guerreiros fortes e saudáveis uma vez que acreditavam que as virtudes do sacrificado seriam absorvidas por aqueles que o começam, os rituais antropófagos eram motivados pela vingança. A respeito dessa natureza vingativa Léry comenta:

“Os selvagens, como já disse, são muito vingativos e se enfurecem contra tudo o que os ofende; se dão uma topada, mordem a pedra a dentadas como cães enraivecidos. Por isso perseguindo os animais daninhos libertam deles o país.” (LÉRY, 1980:158).

Partindo de tais afirmações é possível afirmarmos que os rituais antropofágicos não tinham apenas um caráter alimentício, como foi retratado em diversos escritos europeus, mas sim toda uma celebração que era motivada pela vingança em honra a seus ancestrais. O trecho abaixo mostra um índio maracajá prestes a ser devorado pelos tupinambás:

“Cada vez mais feroz volta-se para ambos os lados exclamando para uns e outros: comi teu pai, moqueei a teus irmãos; comi tantos homens e mulheres, filhos de vós outros tupinambás, a que capturei na guerra, que nem posso dizer-lhes os nomes; e ficai certos de que para vingar minha morte os maracajás da nação a que pertenço hão de comer ainda tantos de vós quantos possam agarrar.”(LÉRY,1980:194).

A chegada dos portugueses na América causou grande curiosidade naqueles que viviam em Portugal. As crônicas e as imagens ao retratarem os indígenas como canibais, tinham como interesse deixar claro que os mesmos eram perigosos, influenciando na difusão de estereótipos a respeito dos habitantes da América.

Com a vinda dos jesuítas em 1549 a forma de se representar os nativos toma outros rumos, para eles os gentios possuíam a semente da “verdadeira religião” e aos padres caberia a missão de fazê-la germinar. Para isso deveriam abandonar os maus costumes como a poligamia, antropofagia. Criticavam e interferiam energicamente na

religião dos nativos. As ordens religiosas buscavam converter os gentios a fé cristã, utilizando estratégias para convencê-los. Aprendiam a língua Tupi, para uma melhor comunicação no ensino do evangelho, além de prometerem gratificações para os que se converterem. No entanto existiam algumas dificuldades nessa realização, pois entre os indígenas havia um líder espiritual e conselheiro que auxiliava nos assuntos da tribo e na cura de doenças. Esse se chamava pajé e representava um importante papel na tribo, porém consistia em um empecilho a ação evangelizadora jesuíta.

“Além das perseguições que sofre por parte do espírito maligno e do seu modo errôneo de interpretar os sonhos, este povo tão distanciado da verdade procede de modo tão irracional que chega a ponto de adorar ao diabo, através de seus ministros chamados pajés, dos quais, aliás, já falamos. Estes pajés ou caraibas são pessoas de má vida que se dedicam a servir ao diabo, a fim de iludir seus semelhantes. Tais impostores, para disfarçar sua malignidade e fazer-se honrar acima dos outros, não se fixam em um determinado lugar.” (THEVET,1978: 117)

Os europeus eram muito influenciados pelas idéias religiosas que habitavam imaginário medieval, o que fez com que enxergassem nas terras brasileiras a presença do diabo, era ele quem incitava os ameríndios a matarem e a comerem uns aos outros.

Até a primeira metade do séc. XVI os nativos não eram concedidos como demoníacos, ou servos do diabo. A chegada dos jesuítas a América portuguesa marca também a transferência dos demônios da Europa para a América, a partir de então será comum nos sermões religiosos à comparação de elementos culturais dos ameríndios com as práticas dos feiticeiros e bruxas européias.

Com o tempo surgem os conflitos entre os nativos e europeus, as desavenças se davam por vários motivos, entre elas podemos destacar a obrigação do trabalho indígena. A escravidão dos nativos se chocava com os interesses dos jesuítas. Para que se resolvesse tal impasse criou-se uma legislação em seriam escravizados os índios rebeldes, “bravos”, hostis ao domínio português que seriam aprisionados através da “guerra justa”. Alguns grupos indígenas acabavam sendo forçados a serem cristianizados por medo das bandeiras que tinha como finalidade aprisionar e escravizar os gentios. Uma estratégia para manter os índios cativos era intimidação através da força, aterrorizavam os indígenas promovendo incêndios e massacres diante de sua família e outros membros da tribo. A ação dos jesuítas na colônia culminará com a

ordem a expulsão da ordem do Brasil, já que seus interesses interferiram nos da coroa portuguesa.

Os portugueses realizaram seu projeto colonizador com o auxílio de discursos que enfatizavam sua superioridade cultural. O processo transcultural trouxe malefícios aos diversos grupos nativos, os índios perderam sua identidade e lhe foram impostos novos costumes, a catequese destruiu a cultura material e espiritual daqueles homens e mulheres. O trabalho excessivo nas lavouras e as epidemias trazidas pelo homem branco fizeram com que o número dos povos diminuíssem levando muitos grupos ao total desaparecimento.

As crônicas, os diários e outras narrativas de viagem deram sua colaboração para que fosse construída uma imagem dos índios brasileiro, o português pouco interesse demonstrou em compreender a complexidade e as particularidades da cultura indígena, selecionando apenas informações que lhe seriam úteis em sua atividade colonizadora. Os índios não tiveram sua voz ouvida, mas sim sua história inventada, distorcida, construída a partir do olhar europeu.

Bibliografia

LÉRY, Jean de. **Viagem à terra do Brasil**. Trad: Sergio Millet. São Paulo. Itatiaia, 1980. (1578).

MESGRAVIS, Laima, PINSKY, Carla Bassanezi. **O Brasil que os Europeus Encontraram**. São Paulo: Contexto.2000

OLIVEIRA, João Pacheco de, FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A presença Indígena na formação do Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade; LACED/Museu nacional. 2006.

RAMINELLI, Ronaldo. **Imagens da colonização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor. 1996.

THEVET, André. **As singularidades da França Antártica**. Trad: Eugenio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia e Universidade de São Paulo. 1978.